

NÃO CRUZAREMOS OS BRAÇOS !

BASES PARA UM PROGRAMA

PARA DISCUTIR MAIO-JUNHO 1973 DE TRABALHO

TORRE
TOMBO

SOBRE AS COMISSÕES DE CURSO

Vimos já, quando se trataram das questões pedagógicas, culturais, de folhas, convívio, etc. da necessidade de levar determinado número de tarefas para a frente. Que isso implicava a criação de estruturas colectivas capazes de trabalhar - rem no sentido da sua resolução.

Neste texto, essencialmente destinado à especificação dessas estruturas - as Comissões de Curso - faz sentido salientar dois pontos:

- a razão de ser da sua existência
- o seu modo de funcionamento

Sabemos já que o Movimento Associativo surge para preencher duas finalidades

- a da defesa dos interesses colectivos dos estudantes
- a de contribuir para a sua formação progressista

Nesse sentido, e para que estas finalidades sejam inteiramente cumpridas, é preciso que a actividade geral desenvolvida pelos estudantes nos seus cursos seja ordenada, coordenada e não se desenvolva de uma forma puramente espontaneísta. É deste modo que nos surgem as Comissões de Curso.

Elas são portanto, estruturas de trabalho, constituídas pelos estudantes mais interessados em abordar e resolver os problemas que se levantam no seu curso, e destinados simultaneamente em incentivar e dinamizar uma discussão aprofundada entre os estudantes da razão de ser desses problemas.

Não cabe assim às Comissões de Curso a decisão sobre a forma de resolver qualquer questão que se levantou.

Embora devendo analisar e estudar a solução mais correcta a apresentar ao curso, elas deverão simultaneamente preocupar-se:

- em informar e esclarecer todos os colegas do problema que se levantou
- em estimular a sua discussão
- em facilitar a todos os estudantes a exposição das respectivas opiniões
- em que seja tomada uma decisão final
- em que se adoptem as medidas que levem à sua execução prática e imediata.

É na medida em que fôr ampla a participação nestas estruturas

- . que as discussões podem ser mais produtivas
- . que a solução estudada venha de facto a ser a mais indicada
- . que as tarefas que sempre são necessárias para levar a cabo sejam mais facilmente cumpridas
- . que a nossa força de grupo organizado, em suma, se fará melhor sentir e mais eficazmente poderá ser concretizada.

É esta a formulação geral das Comissões de Curso proposta pelos estudantes das actuais Comissões de Curso de Ciências.

Outras formulações têm sido já aplicadas em algumas escolas. No entanto elas manifestaram-se como incorrectas, desadaptadas em relação às necessidades.

Convém que as analisemos rapidamente para evitarmos vir a cair nos mesmos erros.

POR UMA UNIVERSIDADE POPULAR

AS COMISSÕES DE CURSO ELEITAS

Quando esta estrutura é proposta, os seus defensores apresentam essencialmente dois argumentos:

O primeiro é o de que havendo um núcleo eleito dentro de uma comissão de curso, essas pessoas por se sentirem mais responsáveis, dinamizariam e incentivariam ainda mais toda a actividade dos colegas.

Ora isto não é verdade. Não é a eleição, por si, que torna menos ou mais responsáveis as pessoas. É, sim, a sua consciência crítica das situações, o seu consequente entusiasmo em contribuir para a sua alteração.

E isso é adquirido a partir do trabalho diário:

na interpretação dos acontecimentos; na confrontação de opiniões; na discussão das possíveis soluções; no levar por diante das decisões.

O segundo argumento consiste em "que assim são mais representativos" do seu curso.

Ora acontece que a representatividade também não advém exclusivamente da eleição. Ela é principalmente a consequência de uma actuação de acordo com os interesses colectivos dos estudantes.

Ninguém tem dúvidas em reconhecer que uma comissão, que sempre convocou reuniões quando existiam problemas que as justificassem; que apresentou soluções apropriadas para resolver as mais diversas questões; e que contribuiu para o seu esclarecimento, é de facto uma parte integrante do curso. E sem qualquer dificuldade ele se declara solidário com ela.

Poder-se-ia pensar: Mas será que é preciso ir mos todos quando se trata de apresentar a uma RGA uma posição do nosso curso, ou de esclarecer um assistente da qu resolução que tomámos?

Nem sempre. Por vezes tem sentido que um curso escolha um núcleo de pessoas (ou uma só) que se encarregue precisamente dessa tarefa.

Finda esta, será novamente a comissão de curso a responsável pelo trabalho já descrito.

E perante novas situações análogas, tornam-se a criar novos núcleos variando se possível, as pessoas escolhidas.

Evita-se assim cair no encosto sobre alguns, dum trabalho que só apresenta vantagens em ser realizado por todos.

REPRESENTANTESE DE CURSO

Embora não se trate propriamente de um núcleo organizado a que se possa chamar de comissão de curso, ele constitui, de facto, uma estrutura em princípio destinada à defesa dos interesses colectivos dos estudantes.



E como tal, cabe falar sobre ela aqui.

Trata-se, como é evidente, de um indivíduo elito pelo curso, no sentido de levar por diante todo o tipo de trabalho descrito para uma comissão inteira: Uma espécie de homem-faz-tudo-enquanto-os outros-não-fazem-nada..

Ora como nós bem sabemos, existe ainda latente em muitos de nós aquela tendência, produto da educação que recebemos para nos afastarmos do tratamento em conjunto das questões que nos aparecem pela frente,

- refugiando-nos na solução do encosto no trabalho dos outros, e na apatia do quem-quiser-que-se-mexa.

- ou então adoptando métodos individualistas, profundamente errados, do joguinho das cunhas, da conversa com o professor, da nauseabunda manteiguice.

Ora o hábito de delegarmos sistematicamente noutra pessoa, o representante, o trabalho que em princípio deveria ser também o nosso, só vem favorecer o florescimento das tais tendências já referidas.

É, em resumo, mais um passo em favor da desresponsabilização.

Por outro lado, acaba por ser ineficaz: Nunca pode ser uma só pessoa a conseguir pensar em todos os problemas do curso, a estudar os assuntos, a propor soluções, a executar tarefas.

E o resultado é afinal, que mesmo nas situações mais simples, a nossa posição não vinga; o que decidimos não é de facto levado à prática.

São estas as razões que nos levam a criticar qualquer das duas últimas formas organizativas.

SAIBAMOS CRIAR HABITOS DE TRABALHO COLECTIVO
POR UM AUMENTO DA NOSSA RESPONSABILIZAÇÃO

OS ESTUDANTES DAS COMISSÕES DE CURSOS
DA ASSOCIAÇÃO DOS ESTUDANTES DE CIENCIAS